

## IMAGINÁRIOS (ERÓTICOS) SÓCIO-DISCURSIVOS EM *HENRY & JUNE: DIÁRIOS NÃO-EXPURGADOS DE ANAÏS NIN*

Emanuelle Sousa Nascimento <sup>1</sup>  
Dr. Marcus Antônio Assis Lima <sup>2</sup>

Apresentamos um recorte de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem como *corpus* a constelação autobiográfica de Anaïs Nin. A temática dessa pesquisa envereda-se pelo erotismo na poética de Anaïs Nin, em sua rede de manifestos eróticos em forma de contos, diários, cartas, romances, declarações e entrevistas. Traçamos um breve recorte em sua constelação a ser discutido aqui. Através de um levantamento bibliográfico, elencamos a obra *Henry & June: diários não-expurgados de Anaïs Nin /1931-1932* (2008) juntamente com o olhar metodológico amparado pelos Estudos Culturais, partimos de autores contemporâneos e subversivos que, também, inserem suas experiências nos espaços de discussões éticas e político-filosóficas de diversidade sexual, Paul B. Preciado (2018) e Virginie Despentes (2016), que apesar de europeus, desconstruem poética e autobiograficamente a colonialidade e relações de poder da supremacia falocêntrica, heterossexual, caucasiana.

O conceito de “constelação autobiográfica” surgiu a partir de Diane Klinger e seu trajeto sobre escritas de si, autoficção e autobiografia. O mote dessa pesquisa tem como fonte teórico-conceitual o estado de presença do ato de escrever sobre si, quando começamos a nos questionar se a autora declarava sua obra como autobiografia. Interessa-nos muito a sua proposição de mundo, seu imaginário sobre as experiências eróticas, ou de maneira mais consistente, de que forma os imaginários sócio-discursivos se inscrevem eroticamente em sua constelação autobiográfica? Com esse questionamento, buscamos analisar os imaginários sócio-discursivos em suas experiências eróticas com Henry Miller e sua esposa June Miller, assim como refletir sobre a prática da escrita sobre si e discutir o erotismo sob o ponto de vista da autora, correlacionando com a escrita emancipatória de Paul B. Preciado e Virginie Despentes.

A adoção de uma escrita feminina erótica, em Anaïs Nin, em composição de diário apresenta a narrativa já como uma espécie de autorretrato em meio às questões vivenciais acerca do desejo, do poder e dos sistemas de dominação no dado período das suas obras (1914-1955). Neste momento, compreendemos que o conceito de “imaginários sócio-discursivos”, proposto por Patrick Charaudeau (2017) é tomado como base. Compreendemos a importância em nos aprofundarmos em uma autora que impulsionou e impulsiona as ondas do feminismo e suas experimentações em prol de liberdade sexual, de permitir ser sujeito desejante, visto que o discurso dessa escritora é o próprio grito de emancipação, é a resistência de um sistema que construiu a mulher como corpo-objeto para o deleite do homem. Nesse âmbito, o corpo que escreve é o próprio sujeito da enunciação e o que afirma sua identidade.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), [emanuellenascimento@gmail.com](mailto:emanuellenascimento@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientador, professor titular do PPGCEL. Pós-doutor em Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESB), 2018, e em Media & Communications, pela Goldsmiths College/ University of London, 2014. [malima@uesb.edu.br](mailto:malima@uesb.edu.br).

A “constelação autobiográfica” aparece como conceito base para o direcionamento dos imaginários sóciodiscursivos inscritos no erotismo em Anaïs Nin. Trata-se de uma formulação composta por Diana Klinger que sinteticamente defende que toda obra literária já é, em si, autobiográfica. Ela expande a noção de autoficção.

Para a realização dessa proposta, um olhar a partir dos imaginários sócio-discursivos diante da obra de Anaïs Nin, *Henry and June: Diários não expurgados de Anaïs Nin 1931-1932* (2008) tendo como base a Teoria Queer, em Paul B. Preciado (2018) e Virginie Despentes (2016) e seus escritos subversivos sobre experiências sexuais, correlacionando com o erotismo inscrito de maneira transgressora.

Como fonte teórica-conceitual, os imaginários sócio-discursivos, conceito originalmente proposto por Patrick Charaudeau (2017), e aplicam-se, nesse recorte, como instrumentos para identificar como o erotismo é inscrito nas experiências da autora, eles nos envolvem e nos guiam devido ao seu aspecto comunicacional e sobretudo a partir da perspectiva apontada de que os imaginários não são nem verdadeiros, nem falsos. O papel de quem é analisado é compreender que o discurso da autora pauta-se na situação que ela está inserida e em sua visão de mundo revelada em seus diários.

No prefácio de *Henry & June: diários não-expurgados de Anaïs Nin 1931-1932* (2008), a autora declara uma vida dual e instável:

Meu livro [um romance] e meu diário interferem um no outro constantemente. Eu não consigo separá-los nem reconciliá-los. Sou traidora com ambos. Sou mais leal ao diário, porém. Colocarei páginas do meu diário no livro, mas nunca páginas do livro no diário, demonstrando uma fidelidade humana à autenticidade humana do diário. (2008, p.5).

Quais encantos podem os diários eróticos escritos por uma mulher guardar? Como esse gênero textual emancipa a escrita feminina, seus desejos e inquietações? O erotismo revelado em suas composições cotidianas incorporam uma prática feminista?

A escrita de diários sugere que a linguagem informal empregada conecte autor-leitor de forma relacional, intuitiva e empática. Compreende-se como diário um caderno secreto em que o autor descreve suas impressões. E reflexões sobre seu cotidiano. Sobre esse ponto de vista, é possível entender a escrita de diário como um instrumento de autoanálise, uma forma de se afirmar no mundo, pois ali inexistem os julgamentos, os olhares castradores, o racionalismo, a estrutura fechada, e deixa o lugar fértil para o poético, para um campo de produção de si. É, sobretudo, um mecanismo de autoconhecimento: um lugar de confissão, de desnudar-se. A escrita erótica em Anaïs Nin em forma de diários compõe uma rede de manifestos autobiográficos, e conforme sua declaração acima, uma obra confessional.

Para Klinger (2016), a escrita de si produz efeito de autocriação, portanto, não entra no embate de discutir se o imaginário é verdadeiro ou falso (CHARAUDEAU, 2017), real ou fictício, e sim, a presença que importa, a enunciação, a experiência. Interessa-nos discorrer pelos imaginários devido, como mencionado anteriormente, à visão de mundo revelada e sobretudo ao apelo que a obra cria dentro desse universo, pois “tanto os textos ficcionais quanto a atuação (a vida pública) do autor são faces complementares da mesma *produção* de uma subjetividade, instâncias de atuação do eu que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem ser pensadas isoladamente.” (KLINGER, 2016, p.57).

Não se pode deixar de frisar que Anaïs Nin escreve como uma mulher que deseja e permite a si mesma idealizar a relação erótica, ou seja, pensar no ato, no cheiro do outro, no toque, no tamanho do sexo, em experiências coletivas, incestuosas, o que para o período histórico era uma prática transgressora porque enfrentava conjunturas políticas que iam de encontro à liberdade sexual, mesmo sendo parte de um momento que já se imperavam os primeiros movimentos feministas.

Suponhamos que eu não queira o amor de Henry. Suponhamos que eu diga a ele: “Ouça, nós somos dois adultos. Estou farta de fantasias e emoções. Não mencione a palavra ‘amor’. Vamos conversar o máximo que quisermos e trepar apenas quando quisermos. Deixe o amor fora disso. (NIN, 2008, p.100).

Paul B. Preciado (2018) e Virginie Despentes (2016) compõem em seus textos manifestos autobiográficos que soam como tratados de resistência. Inscrevem uma forma de autoria protagonista, autônoma e livre de qualquer instituição de poder. Ambos enveredam-se pelos estudos da diversidade sexual, e dentre desse campo, empreendem projetos feministas que se tornam cada vez mais revolucionários e potencialmente libertadores. Preciado (2018) apresenta em sua obra autobiográfica experimentos de desconstrução de subjetividade e práticas sexuais como um ensaio corporal, como uma “ficção autopolítica ou uma autoteoria”(p.13), e Despentes (2016), também em forma de um ensaio corporal, decreta que todo corpo é potente, e por mais que a lógica do mercado, do poder tente calar uma mulher livre, que pensa, que deseja, essa mulher sempre existirá. É por essa cartografia que expandimos Anais Nin e seus imaginários.

Em *Henry & June*, Anais Nin explicita suas relações extraconjugais hetero e homoafetivas. Voluptuosamente excitável por mulheres, por homens e familiares ela vai construindo seus diários com encontros, desabafos, horóscopos, questionamentos, cartas e sessões de terapia. Viveu um triângulo amoroso com Henry e June Miller e percebeu-se aprisionada nessa relação, porém serviu como maior fonte de inspiração para escrever.

Ela não alcança o mesmo âmago sexual de meu ser que o homem alcança; ela não o toca. O que então provocou em mim? Eu quis possuí-la como se eu fosse um homem, mas também quis que ela me amasse com os olhos, as mãos, os sentidos que apenas as mulheres têm. É uma penetração suave e sutil. (...) Eu a amo pelo que ela ousou ser, por sua dureza, sua crueldade, seu egoísmo, sua perversidade, sua destrutibilidade demoníaca. Ema me esmagaria sem hesitação. Ela é uma personalidade criada para o limite. Eu venero sua coragem de magoar, e estou disposta a ser sacrificada por ela. Ela acrescentará a soma de mim a si. Ela será June mais tudo que contendo. (NIN, 2008, p.24).

Em sua narrativa, é possível perceber como ela dança com sua subjetividade, com os gêneros que ela enuncia. Ora vê-se como mulher, feminina, suave, ora vê-se como homem, viril, máscula, fálica, e ora como um corpo desejante não identificável mas que se encontra nesse estado de sensualidade, languidez, leviandade e tesão.

O que me ilude para sempre é a realidade de ser um homem. Quando a imaginação e as emoções de uma mulher ultrapassam os limites normais, ocasionalmente ela é possuída por sentimentos que não consegue expressar. Eu quero possuir June. Identifico-me com os homens que conseguem penetrar nela. Mas sou impotente. Posso lhe dar o prazer do meu amor, mas não o coito supremo. Que tormento! (NIN, 2008, p.69).

Interessante rememorar o início desse breve trabalho com os estudos sobre escritas de si, quando Klinger (2016) apresenta que o relevante é o estado, mesmo que ilusório, de presença do autor, ou seja, “o autor é considerado enquanto sujeito de uma *performance*, de uma atuação, que “representa um papel” na própria “vida real”, na sua exposição pública, em suas múltiplas *falas de si*, nas entrevistas, nas crônicas e autoretratos, nas palestras.” (p.57). Dentro dessa perspectiva de estado de presença na escrita, que por sua vez torna-se enunciativa, performativa,



poética, autocriadora, o gênero, em Nin, é (des)construído, transmutado, mas ainda assim vivido de formas reproduzidas por normas que modulam convenções.

Os projetos feministas têm possibilitado cada vez mais mudanças significativas na sociedade. Atualmente já se pode defender a emanção da voz feminina na literatura, que antes era atividade apenas para homens. Com tantas transformações positivas, hoje é possível pensarmos em um universo nosso, feminino, em que somos protagonistas das nossas próprias histórias. Porém, os desafios de romper com as estruturas falocêntricas e heteronormativas ainda permanecem incorporados em diversas práticas, principalmente no ato criativo de escrever.

Por se tratar de uma pesquisa, como mencionada, em andamento, a proposta continua a expandir para os outros diversos manifestos eróticos de Anaïs Nin, para assim, compor sua constelação autobiográfica, e poder refletir sobre o lugar de fala da autora, de forma anacrônica e correlacionar, assim, com o pensamento contemporâneo sobre feminismos e diversidade sexual.

**Palavras-chave:** Erotismo; Imaginários sócio-discursivos, Escritas de si, Teoria Queer.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

KLINGER, Diane. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Rio de Janeiro, Instituto de Letras/UERJ, 2006 (Tese de Doutorado).

NIN, Anaïs. **Henry & June**: diários não-expurgados de Anaïs Nin (1931-1932). Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.